



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM DISSERTAÇÕES ARGUMENTATIVAS DE CONCLUINTEES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ORQUESTRAÇÃO DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO AXIOLÓGICO

REPRESENTATIONS OF WOMEN IN DISSERTATIONS ARGUMENTATIVE OF GRADUATES OF BASIC EDUCATION: THE ORCHESTRATION OF VOICES IN THE CONSTRUCTION OF AXIOLOGICAL POSITIONING

Aline Milena Borges da Silva Dias¹

Resumo: A multiplicidade de vozes é um constituinte fundamental na produção de gêneros fundamentalmente escolares, como a dissertação-argumentativa. Mais do que a expressão de uma opinião, importa, nesse tipo de enunciado, a utilização de estratégias argumentativas em prol do convencimento do leitor (BRASIL/INEP, 2020). Dentre essas, destaca-se a orquestração das diversas vozes sociais, pois, apesar de o espaço concedido ao discurso alheio ser fundamental para o estabelecimento da comunicação discursiva, é o modo como o sujeito as combina que possibilita a organização estratégica dos discursos articulados para a defesa de uma tese (POLACHINI, 2014). Logo, este trabalho objetiva analisar a orquestração de vozes sociais na construção de um posicionamento axiológico em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. À vista disso, a fundamentação teórica constitui-se principalmente dos trabalhos de Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) e Bubnova (2011). A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Recife (PE), onde foram coletadas 69 produções, das quais 5 foram escolhidas pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS). Ao fim, constatou-se a ocorrência do discurso alheio demarcado e do discurso bivocal, com a predominância daquele. Nos dois casos, as palavras alheias foram reacentuadas, gerando sentidos de complementação, negação, distorção, ironia, sátira, etc.

Palavras-chaves: mulher. dissertações argumentativas. orquestração. vozes. posicionamento axiológico.

Abstract: The multiplicity of voices is a fundamental constituent in the production of fundamentally school genres, such as the argumentative dissertation. More than expressing an opinion, it is important, in this type of statement, to use argumentative strategies to convince the reader (BRASIL/INEP, 2020). Among these, the orchestration of different social voices stands out, because, although the space granted to other people's speech is fundamental for the establishment of discursive communication, it is the way in which the subject combines

¹ Licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco. Integrante do Núcleo de Estudos de Língua e Discurso (NELD).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

them that enables the strategic organization of articulated speeches for the defense of a thesis (POLACHINI, 2014). Therefore, this work aims to analyze the orchestration of social voices in the construction of an axiological positioning in relation to women in argumentative dissertations by basic education graduates. In view of this, the theoretical foundation consists mainly of the works of Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) and Bubnova (2011). The research was carried out in a public school in the city of Recife (PE), where 69 productions were collected, of which 5 were chosen using the Simple Random Sampling (AAS) criterion. In the end, the occurrence of demarcated foreign speech and double-voiced speech was observed, with the former predominating. In both cases, other people's words were reemphasized, generating meanings of complementation, denial, distortion, irony, satire, etc.

Keywords: woman. argumentative dissertations. orchestration. voices. axiological positioning.

Introdução

A necessidade de assumir um posicionamento é, cada vez mais, uma realidade dentro e fora do ambiente escolar, tendo em vista, por exemplo, a popularização das redes sociais e o aumento do acesso à informação. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual o dialogismo caracteriza o funcionamento da linguagem (BAKHTIN, 1997), compreendemos que esse posicionamento se mantém sempre em interação com outros e pode manifestar, em resposta a eles, as mais diversas relações, como concordância, desacordo, refutação ou antecipação, o que faz do signo o lugar da luta social, onde interesses sociais contraditórios se entrecruzam e fundam sua plurivalência (BAKHTIN, 2006).

Nesse contexto, a multiplicidade de vozes é um constituinte fundamental na produção de gêneros fundamentalmente escolares, como a dissertação argumentativa, que se caracteriza, principalmente, pela mobilização de ideias em defesa de um ponto de vista. Mais do que a expressão de uma opinião, importa, para tal trabalho, a utilização de estratégias argumentativas em prol do convencimento do leitor (BRASIL/INEP, 2020). Dentre essas, destaca-se a orquestração das diversas vozes sociais, pois, apesar de o espaço concedido ao discurso alheio ser fundamental para o estabelecimento da comunicação discursiva, é o modo como o sujeito as combina que possibilita a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

organização estratégica dos discursos articulados para a defesa de uma tese (POLACHINI, 2014), isto é, do posicionamento axiológico.

Em contrapartida, a dissertação argumentativa tem sido recorrentemente associada nos últimos anos a uma escrita artificial, descontextualizada e monológica. Isso porque, estando situada em importantes práticas sociais avaliativas - tal como o ENEM, atualmente principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil -, terminou por ser concebida de fato assim, como um tipo de enunciado de estrutura fixa, traduzida na seleção de certos recursos considerados obrigatórios (SILVA, R. 2020, p. 112). Nessas condições, entende-se que, se há um interlocutor para o aluno, esse é apenas o indivíduo que avalia, desconsiderando as demais relações que perpassam o exercício argumentativo, como entre o sujeito-produtor e a proposta de redação e o sujeito-produtor e o meio sócio-histórico (GUARIGLIA, 2012).

Por tais razões, o estudo da orquestração de vozes em dissertações argumentativas produzidas por alunos concluintes da educação básica traz a vantagem de mapear e entender tais problemas, ao percorrer o caminho traçado pelo aluno na “costura” de enunciados com os quais o seu dizer dialoga na construção do posicionamento axiológico. Do mesmo modo, lança luz sobre a utilização do discurso citado, como forma do dialogismo composicional (FIORIN, 2011), que, na dissertação argumentativa, ganha um peso maior por sua associação com a noção de repertório, um elemento que compõe uma das competências de avaliação da redação no ENEM.

À vista dessas questões, este trabalho tem por objetivo geral analisar a orquestração de vozes sociais na construção de posicionamentos axiológicos em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. Para tanto, tem como objetivos específicos (1) entender a importância das relações dialógicas para a emergência de um ponto de vista; (2) observar como o gênero dissertação argumentativa, com suas propriedades, possibilita a expressão do posicionamento axiológico; (3) verificar as formas como a situação extraverbal se integra ao enunciado dando-lhe significação. Sendo assim, apresenta-se, a seguir, a análise dos enunciados dos alunos, com a exploração de conceitos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), e, por fim, um breve sumário dos resultados alcançados pela pesquisa.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Desenvolvimento

Segundo Bubnova (2011), a escrita é privilegiada na concepção bakhtiniana como um percurso capaz de traduzir a voz humana na medida em que é portadora dos sentidos da existência. Analogamente, nas produções analisadas, os alunos atualizaram esses sentidos ao confrontar o signo *mulher*, como se vê logo a seguir, em que o aluno inicia o texto² acionando tal memória discursiva, particularmente as valorações sociais sobre o gênero:

Exemplo 1

Quando falamos a palavra “*mulher*”, vem na nossa cabeça uma dona de casa cuidando dos seus afazeres, fazendo o seu papel “*como mulher*”. Muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, frágil e indefeza, nos causando a impressão de que a mesma só está apta para exercer funções pré-determinadas como arrumar a casa, cuidar dos filhos e ser uma boa esposa, nos levando a crer que elas não são capazes de cumprir com outras funções o que na prática não é verdade.

No Brasil ao longo dos anos ocorreram diversos protestos e manifestações feita por mulheres que lutam pelo seu espaço na sociedade não só como uma “*senhora do lar*”, mas também, como uma policial, uma bombeira e até mesmo uma presidente, cargos estes que são voltados para homens pois os mesmos possuem “*vocação*” para isto. [...] (grifos nossos)

No excerto, percebe-se que o aluno³ desenvolve uma contextualização da temática já revelando, no tratamento dado à voz alheia, uma intenção discursiva de contestá-la, que preside todo seu enunciado (KNOLL e PIRES, 2020). Essa é evidenciada pela utilização das aspas, que não se faz de maneira igual no texto. No primeiro caso, aponta uma unidade linguística, que possui *significação* e é, portanto, reiterável. Nas demais ocorrências, as aspas isolam os limites de um enunciado, unidade da comunicação verbal, a qual possui um *tema* individual e único, gerado em cada situação concreta de realização (BAKHTIN, 2006). Logo, as expressões “*como mulher*”, “*senhora do lar*” e “*vocação*” configuram o discurso alheio demarcado (FIORIN, 2011) e, assim,

² Os trechos foram reproduzidos tal como escritos originalmente pelos estudantes. Logo, não foi realizada a revisão gramatical.

³ Escolheu-se fazer uso do masculino genérico para se referir aos participantes da pesquisa sem identificá-los.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

exemplificam o funcionamento do dialogismo no interior de um mesmo texto, o qual passa a atuar “como um intertexto que responde ou dialoga com outros” (KNOLL e PIRES, 2020, p. 343).

A declaração inicial do texto é bastante curiosa pela sua referência ao próprio conceito tratado neste trabalho, quer dizer, o da palavra como um signo ideológico, portadora de uma valoração social, da qual não podemos escapar ao usá-la – “vem na nossa cabeça”. O texto engenhosamente prova isso quando traz ecos desse imaginário social nos trechos “como mulher”, “senhora do lar” e “vocação”, os quais são citações diretas à voz machista – particularmente masculina – facilmente lembrada, por sua dominância, quando se enfrenta o signo “mulher”,

Vale destacar que a voz alheia poderia ser reconhecida como tal no fio do discurso do estudante caso não fossem utilizadas as aspas, mas o uso dessa pontuação possivelmente serve aqui ao propósito de precisar a extensão do enunciado do outro e, ao mesmo tempo, expressar um afastamento em relação a ele (SILVA, T., 2020). Significa, então, algo para além do sinal linguístico. Especialmente no plano argumentativo, evidencia a não identificação das vozes e a disputa de sentidos do enunciado.

Inicialmente, o produtor aproxima a si e a seus interlocutores dessa *outra* voz, aludindo a adesão tácita em algum grau desses participantes do diálogo à mesma concepção que ela assume sobre o gênero feminino. Nesse contexto, a marca linguístico-discursiva da terceira pessoa do plural contribui com esse projeto discursivo, conferindo ao texto um tom de conversa com o leitor. Logo mais adiante, o aluno prossegue dando mais pistas acerca das crenças sobre a mulher representada pela voz citada, desta vez, porém, de maneira mais objetiva, impessoal, analítica – “muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, fragil e indefeza”. Tais traços são próprios do discurso indireto (WITTKÉ, 2018). Tal construção do trecho o faz assumir, no todo do parágrafo, um valor de fato, de dado da realidade, sendo capaz de exercer semanticamente uma relação de causa e consequência com o primeiro período do texto, comentado acima.

No texto 1, o fio condutor da argumentação é, portanto, além do preconceito contra a mulher, a desigualdade entre os gêneros, já que a dissertação alude claramente a enunciados sexistas, os quais têm por fundamento a criação de estereótipos para os gêneros. É interessante perceber que o estudante

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

modula o seu discurso para marcar sua opinião frente a eles, como observa-se em: “causando a impressão” e “levando a crer”, trechos que indicam a visão do produtor acerca do caráter falacioso dos enunciados citados. Paralelamente, o uso do marcador de exclusividade – “só” – na linha 4 e de negação – “não” – na linha 6 instaura um tipo não marcado de inserção do discurso do outro no enunciado, o discurso bivocal (FIORIN, 2011).

Consequentemente, antes mesmo de o aluno formular propriamente a sua tese na linha 7 – “o que na prática não é verdade” –, a sua voz é ouvida sob a voz alheia nesses enunciados, negando-a. Assim, é possível ler-se que a mulher *não* só está apta para exercer funções domésticas e maternas (linha 4) e as mulheres *sim* são capazes de cumprir outras funções (linha 6). Além disso, embora a voz a que o indivíduo responde não corresponda a um sujeito identificado, é personalizada, isto é, liga-se a um autor, pois aponta para uma vontade criadora e uma posição determinada à qual se pode reagir dialogicamente (BUBNOVA, 2011). Desse modo, nos últimos exemplos abordados, a resposta do sujeito e o enunciado para o qual essa reação se dirige estão dados num mesmo espaço semiótico, na palavra, em que há a mistura entre as vozes, sendo a voz do outro reacentuada pela voz do aluno.

O antagonismo dessas vozes não explícitas no enunciado ainda configura um caso de polêmica velada, já que a construção discursiva claramente aponta para posições em confronto (FIORIN, 2011). O discurso direto contribui com esse projeto de discordar aparentemente concordando, como demonstra o trecho das linhas 12 a 14. Nele, a palavra “vocação”, como justificativa para a ocupação de certos cargos pelo homem, é um argumento usado pelo grupo que se opõe ao envolvimento da mulher na política, recuperado do primeiro texto motivador⁴ da proposta, cujo tema era a manifestação do presidente nacional do PSL Luciano Bivar contra o aumento da eleição de mulheres na política.

A reprodução desse enunciado na dissertação do estudante provoca um sentido de efeito contrário ao esperado, na medida em que o recorte operado pelo estudante põe em xeque o valor de verdade da voz citada. Logo, como efeito da sobreposição de valorações, o enunciado assume uma

⁴ <https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-vezes-que-o-governo-se-posicionou-de-forma-irresponsavel-com-as-mulheres/>.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

feição irônica, pois gera um duplo sentido pela combinação do dito e do não dito no ato enunciativo, sendo a atitude deste dada em relação àquele (SANTOS; MARQUES; RODRIGUES, 2019).

Dessa maneira, o uso da palavra alheia, ancorado na ambiguidade característica da ironia, promove no enunciado uma atualização de sentidos sob a forma de um questionamento a essa visão acerca da mulher, evidenciando a sua fragilidade e inadequação. Tais valorações são ativadas necessariamente junto ao interlocutor, uma vez que a ironia apresenta um papel argumentativo que obriga a sua participação no reconhecimento da verdadeira intenção do autor (MORAES, 2011).

O texto 2, de uma maneira diferente, inicia com a citação direta a uma frase popular e notavelmente polêmica, construída em resposta à máxima machista “lugar de mulher é na cozinha”:

Exemplo 2

Como na frase “*mulher é para ta aonde ela quiser*” faladas por famosos de TV, muitas mulher lutam para conseguir um *luga de importancia*, na sociedade brasileira, por meio do seu merecimento. *Que na maiorias das vezes são vista, de mal forma pelos homens, por achar que lugar de mulher é em casa* isso são os efeitos da figura da mulher brasileira na sociedade contemporânea.

Muitas manifestasão tiveram que acontecer durante a Evolução dos anos para que as milhas tivesse a direito de fala, em muito lucal, aonde pordece se abordado esse tema na sociedade brasileira muitas mulheres são alvo de muita violencia verbais e físicas, na maioria das vezes so por elas esta em lugar que *os homen pensa que, so ele pode comanda*. [...] (grifos nossos)

Na introdução do texto, observa-se que a expressão “lugar de importancia” é densa de sentidos, pois se refere aos lugares para além da esfera doméstica, espaço inferiorizado nas relações sociais, juntamente com a mulher. Nesse sentido, o trecho guarda um contraponto com a ocupação de senhora do lar, com as atividades historicamente associadas ao gênero feminino, e reverbera o sentido de emancipação quanto às decisões da vida da mulher e, conseqüentemente, de acesso igualitário aos lugares já (sempre) ocupados pelo homem.

A voz citada e com a qual o estudante concorda trata desse *outro lugar* não apenas como uma possibilidade, mas um direito da mulher – “é para ta”, conforme a sua vontade – “onde ela quiser”. Esse direito, contudo, é, no texto, reconhecidamente não garantido devido ao preconceito, o que

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

explica a afirmação de que as mulheres “*lutam* para conseguir [...] por meio do seu *merecimento*.”

Logo, com “*merecimento*”, o aluno indica o seu ponto de vista sobre a mulher, colocando-se contra a sua desqualificação em atividades predominantemente masculinas. O trecho contido nas linhas 4 e 5 esclarece esse ponto, mostrando que o produtor do texto, diante da preponderante divergência da voz machista, afirma a capacidade e o mérito da mulher na realização de quaisquer atividades

Assim como no texto 1, aqui há a referência a manifestações ocorridas em defesa dos direitos da mulheres, a qual alude ao movimento feminista e figura como uma reação a uma voz que nega à mulher o simples respeito nos espaços públicos de diálogo. Em contrapartida, o texto 2 nomeia culpados, pois responsabiliza explicitamente os homens por esse pensamento – “na maiorias das vezes são vista, de mal forma *pelos homens*” –, enquanto o texto 1 não é tão incisivo na questão.

Outra semelhança com o texto 1 é a construção da polêmica no modo de entrada do discurso do outro no próprio discurso. No texto 2, tanto no primeiro quanto no segundo parágrafos, faz-se uso do discurso indireto. Nele, a escolha dos verbos para introduzir o pensamento alheio guarda a intenção de demonstrar o engano por trás da visão referida: “na maiorias das vezes são vista, de mal forma pelos homens, por *achar* que lugar de mulher é em casa [...]” (linhas 4-5); “por elas esta em lugar que os homen *pensa* que, so ele pode comanda.” (linhas 11-12).

Como é possível perceber, neste trabalho, a palavra *voz* é tomada como sinônimo de opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica (BUBNOVA, 2011). Logo, não se considera como voz apenas uma fala com contornos específicos de uma réplica do diálogo no sentido elementar do termo, isto é, de uma conversa face a face, mas todo posicionamento de um indivíduo, grupo ou instituição social acionados nas dissertações. Nos exemplos em apreço do texto 2, a voz em questão é justamente a concepção de que a mulher não serve para ocupar os mesmos espaços sociais e exercer as mesmas funções que o homem. Como esse pensamento é reportado pelas palavras do aluno, não por algum enunciado específico propagado pelos indivíduos que advogam o ideal machista, tem-se o discurso indireto.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Indo ao encontro desse raciocínio, o texto 3 discute mais aprofundadamente acerca de tal visão da mulher, inclusive tocando no tema da *voz*:

Exemplo 3

“Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas”. Frase dita por Malala Yosafza que remete a importância da mulher na sociedade, mesmo sendo desprezada e oprimida a ficar calada é preciso *transmitir sua verdadeira essência*. A mulher muitas vezes considerada como quem só serve pra cuidar dos filhos, limpar, cozinhar, desvalorizada de várias formas, xingadas e até mesmo mortas por pessoas que não enxergam a grande representatividade da mulher não só no país, mas em todo mundo.

Em virtude do caos que vivemos onde a mulher é tida como objeto e nomeada de palavrados insanos, temos a verdadeira representação da mulher na sociedade contemporânea. A mulher tem a plena convicção e potencial de alcançar o que deseja, mas, na sociedade contemporânea vem sido muito limitada em situações como por exemplo, atuando em área militar ou na política, a mulher pode ser vista como *“coitada”*, *“sem potencial”*, *“fraca”* chegando até o ponto de: *“isso não é coisa de mulher, isso é coisa de homem”* e apesar de ser algo errado e inaceitável todo esse preconceito, tem se tornado comum atualmente. [...] (grifos nossos)

O texto se abre com uma citação direta de autoridade, em que a palavra *voz* é uma metáfora para “vez”, “expressão”, “posicionamento”, “ponto de vista”. Remete também ao conceito de “lugar de fala”, uma vez que, com a história de luta da ativista e os debates em torno da valorização da mulher, entende-se que a importância da voz falada aqui é apagar da imagem feminina valores sexistas e misóginos imputados impunemente ao longo do tempo e promover justiça no tratamento do gênero, medidas que passam necessariamente por ouvir uma mulher. Não à toa, o comentário seguinte à citação dá ao conceito de *voz* um sentido de ação, e ação protagonizada pela mulher junto a outros – “transmitir sua verdadeira essência”.

“Verdadeira essência” é a contrapalavra do aluno às representações da mulher existentes na sociedade, as quais ele menciona no parágrafo – “quem só serve pra cuidar dos filhos, limpar, cozinhar [...]”. Nesse pequeno trecho, ele não apenas expõe o seu olhar sobre a figura feminina, mas também destaca, em “verdadeira”, a contraposição desse posicionamento a outras visões criadas sobre a mulher, em sua opinião não correspondentes ao real. Tal movimento, na fronteira das vozes

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

(FARACO, 2009), é explicitado no início do segundo parágrafo, no qual o autor apresenta os dois lados do confronto.

Nas linhas seguintes, o aluno segue fazendo uso do discurso direto, mas desta vez sem atribuir a voz a um sujeito particular. De fato, isso não é mesmo necessário, pois, assim como no texto 1, os enunciados “coitada”, “sem potencial”, “fraca” e “isso não é coisa de mulher, isso é coisa de homem” são distinguidos na heteroglossia social como vozes de indivíduos machistas, que condicionam a realização feminina ao serviço no lar. Também mais uma vez ressoa aqui a ideia de as posições de poder serem uma prerrogativa masculina, pois, conforme o aluno, áreas como a militar e a política – ambas meios de exercer liderança civil – são as que menos acolhem a mulher, pela força que o sexismo estrutural ganha nesses microespaços.

Quando o assunto é a discriminação de gênero, são muitos os qualificativos que a mulher recebe. Um dos principais e mais antigos talvez seja a alcunha de “sexo frágil”, explorada no exemplo 4:

Exemplo 4

A figura da mulher brasileira desde a antiguidade até os dias atuais tem sido muito “*menosprezada*”, onde as pessoas acham e dizem que a mulher não tem a capacidade para determinados trabalhos ou posições só por serem um sexo “*frágil*”, como eles dizem. Sobre esse assunto há muito a se falar.

A alguns anos atrás a mulher era vista como uma pessoa que você casava, construía uma família e ela tinha o papel de cuidar da casa, dos filhos e ainda do marido, como se fosse uma empregada. Infelizmente até os dias atuais ainda existe um pouco desse pensamento na nossa sociedade. Onde a mulher é usada, menosprezada, submissa e sexualizada através das músicas atuais, como diversão para os homens.

Onde mulheres não podem assumir cargos políticos porque não é sua “*vocação*”, quando na sociedade que estamos hoje ela pode ser e alcançar qualquer tipo de posição. *Temos que lutar para quebrar esse tabu que diz que mulher é sexo frágil, mulheres todos os dias enfrentam batalhas pelo simples fato de serem mulheres.* Assédios, estupro, violência, feminicídio, desvalorização, entre outros. [...] (grifos nossos)

O texto 4 apresenta uma configuração bastante semelhante aos demais quanto à abordagem da voz alheia. No parágrafo de abertura, quando o aluno aborda o tratamento dado à mulher pela

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

sociedade, faz uso do discurso direto, procedimento que, conforme tem-se mostrado, indica a reprodução exata do enunciado de um sujeito determinado. Assim, o produtor do texto mantém a sua posição de fiel transmissor da palavra do outro, sem apropriar-se dela e assumir o risco de ser associado ao seu conteúdo, a que diretamente se opõe.

Isso explica porque, no primeiro parágrafo, “menosprezada” aparece entre aspas. Diferentemente de “frágil”, que é um atributo imensamente usado como argumento do grupo machista em defesa da inaptidão do gênero oposto, “menosprezada” se refere apenas a uma ação sofrida pela mulher nas relações sociais, não sendo um termo que por si só comprometa o aluno com algum enunciado discriminatório. Há, portanto, uma preocupação do estudante em separar a sua voz da voz citada. Sabe-se que, em alguns casos, esse cuidado pode ser consequência de se estar lidando com os direitos de propriedade da palavra e a questão da autenticidade, ocasião na qual há menos liberdade na utilização do discurso do outro (WITTKE, 2018). Em outras situações, como a presente, a determinação dos limites da voz alheia ocorre principalmente como indicador da divergência de posições no enunciado, como foi apontado na discussão do texto 1.

Já no segundo parágrafo, “menosprezada” aparece no conjunto de outras violências praticadas contra a mulher sob o jugo machista – “a mulher é usada, menosprezada, submissa e sexualizada” –, o que talvez explique o seu uso sem aspas, pois esse contexto não aciona nenhum alerta para o estudante a respeito de a palavra ser de outrem e, em tal condição, imprimir no enunciado sentidos indesejados. Além disso, mesmo sendo um parágrafo do desenvolvimento, observa-se ainda a continuação da problematização do tema, na qual o aluno mostra que, apesar dos avanços, a mulher permanece sendo vista como inferior ao homem e, por conseguinte, como um objeto que esse pode dominar e dispor para os mais diferentes fins.

No último parágrafo, há um contraste interessante de tipos de enunciados. Primeiramente, há o enunciado polêmico, indiscutivelmente irônico, em “mulheres não podem assumir cargos políticos porque não é sua ‘vocação’”. Tal polêmica é dada de modo explícito, uma vez que o trecho não termina aí, antes traz separadamente a voz do aluno como uma outra parte do conflito – “quando na sociedade que estamos hoje ela pode ser e alcançar qualquer tipo de posição”. Mais adiante, o autor

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

se vale da categoria argumentativa de consenso, haja vista a incontestável desigualdade de gênero enraizada na sociedade, para assegurar a validade de sua opinião ante qualquer questionamento, criando a ilusão de que a sua voz corrobora a voz social (GUARIGLIA, 2012).

Logo, a afirmação de que “mulheres todos os dias enfrentam batalhas pelo simples fato de serem mulheres”, apesar de não travar textualmente nenhuma relação semântica com o trecho imediatamente anterior, assume, na argumentação, um valor de justificativa, explicação, o que é reforçado ainda pela enumeração seguinte dessas batalhas, a saber, “assédios, estupros, violência, feminicídio, desvalorização, entre outros.” Dessa maneira, a necessidade do combate à discriminação feminina mencionada pelo aluno tem peso factual, isto é, ancora-se em uma constatação aceita pela maior parte dos interlocutores.

Do mesmo modo, é possível prever, no mesmo trecho, uma abordagem alternativa da voz machista, no sentido de fazer frente a ele exatamente na palavra “frágil”. É de se notar a estrutura paralelística, na qual se lê: “mulher é sexo frágil, mulheres todos os dias enfrentam batalhas”. Nesse novo contexto, permanece o sentido de explicação da segunda parte do enunciado, mas agora ele é acrescido de um valor de correção, pela instauração da polêmica aberta, na qual claramente se entrecrocaram duas visões diametralmente opostas sobre a mulher. Por conseguinte, o trecho completo passa a ser entendido como algo semelhante a: “Temos que lutar para quebrar esse tabu que diz que mulher é sexo *frágil*, (pois) mulheres são *fortes*.”

De todo modo, a recorrência ao que é de concordância geral é um recurso bastante explorado nas dissertações argumentativas, principalmente quando se deseja conquistar a atenção do leitor e “prendê-lo” no texto. Uma das formas de se fazer isso é pela introdução, começando, por exemplo, com uma declaração forte, que já expressa a visão do autor:

Exemplo 5

Tendo em vista o atraso do nosso país na pauta do lugar da mulher na sociedade contemporânea, deve-se confrontar com inteligência *as mãos que tentam calar a voz feminina, homens, em sua maioria*.

Herdada de tempos muito distantes, a dominação dos homens sobre as mulheres ocorria em todos os aspectos, tanto no econômico quanto no moral, de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

modo que *o próprio direito fundamental de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um “meio direito”, acabando conforme a permissividade do marido*. O que surgiu como meio de aumentar a funcionalidade e a eficiência da produção de sustento da sociedade, acabou ao mesmo tempo com a liberdade feminina, resultando em toda sorte de intempéries que assombram esta população.

Começando pela figura da mulher, *constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças*. Ainda hoje vemos, mesmo na esfera política comentários que impõem os ofícios das artes ou dos cuidados – isto é, da saúde –, como algo essencialmente feminino, à exemplo do que disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar, sobre a política não ser “*da mulher*”. Tal contratempo impede com frequência as políticas assertivas para a mulher, como a distribuição de absorventes gratuitos etc., *coisas que só as mulheres sabem de fato de sua necessidade*. [...] (grifos nossos)

O texto 5, em especial, demonstra uma organização estratégica no desenvolvimento das partes da dissertação. Em sua abertura, o autor, pautado na urgência do tema, constrói um raciocínio lógico de implicação, anunciando o alvo da crítica e a sua posição em relação a ele, pela seguinte fórmula – “Tendo em vista o atraso [...], deve-se confrontar [...]”. Nesses termos, o aluno propositalmente introduz os homens como fonte das representações errôneas da mulher vigentes na sociedade.

Na sequência, além da voz machista masculina, elemento comum em todos os textos analisados até aqui, o aluno cita a voz da Constituição para apontar a não completa efetividade do aparato legal no que tange à mulher, posto que o homem era o intermediário de suas relações. Essa é uma observação perspicaz, pois o aluno observa que os direitos humanos não funcionam igualmente entre os gêneros, afinal até há pouco tempo (séc. XVIII) as mulheres não eram consideradas humanas, mas filhas ou esposas de humanos (COLLING, 2019). Desse modo, ele consegue defender com êxito o ponto de vista de que a sociedade sempre enxergou a mulher como um ser dependente do homem e à mercê de sua vontade.

Ainda cumpre apontar nesse trecho o uso das aspas em “meio direito”, motivado não pela inclusão de uma nova voz no enunciado, mas pelo reconhecimento e antecipação do aluno do estranhamento que a expressão suscita. A palavra “direito”, significando garantia, asseguramento, é avessa à ideia de um benefício parcial, com condições. Por isso, a construção do enunciado revela um tom sarcástico do aluno à medida que apresenta a face absurda do problema, como fica claro pelo

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

duplo reforço da natureza do direito que está sendo abordado, posta em contraponto com a sua validade prática: “o *próprio* direito *fundamental* de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um “*meio* direito” [...].

Das linhas 14 a 16, a introdução da voz alheia é feita de um modo que se aproxima ligeiramente do discurso indireto livre, pela ausência de indicadores para demarcação do início e fim do enunciado citado, como os dois pontos e o travessão do discurso direto ou a conjunção integrante do discurso indireto (FIORIN, 2011). É evidente que o produtor não compactua com a visão que apresenta da figura feminina, mas o modo como o seu enunciado está pontualmente construído faz com que o trecho “constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças” possa ser atribuído simultaneamente a ele e ao indivíduo machista.

Enquanto o texto 1 apenas alude ao posicionamento de Luciano Bivar acerca da maior participação política feminina, o texto 5 faz uma citação direta de sua fala, apontando a autoria e informando, inclusive, a ocupação do autor – “disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar”. Da fala é recortado, como voz externa, exatamente o trecho “da mulher”, o que endossa a crítica do texto à tendência sexista de segregar os gêneros em compartimentos estanques e incommunicáveis, com características preestabelecidas. O estudante encerra, então, mostrando que, de fora dos espaços públicos de decisão e conseqüentemente sem chance de poder realizar maiores intervenções nos assuntos de interesse coletivo e particularmente nos relacionados a sua própria condição, à mulher resta esperar pelo “favor” do homem, gênero que socialmente tem a propriedade de ser “líder nato”. O aluno, então, resume o problema do pensamento de Bivar na falta de representatividade feminina.

Finalmente, a subrepresentação da mulher é apontada no texto não apenas como um efeito, mas também como um dos pilares de sustentação dos ideais machistas, pois com “coisas que *só as mulheres* sabem de fato de sua necessidade”, o produtor não fala da ingenuidade masculina em relação ao universo feminino, nem apenas do tema da pobreza menstrual. A sua voz está voltada para a persistência da invisibilização da mulher, do descaso generalizado e da marginalização vivenciados pelo gênero, que fazem essa parcela social procurar em si mesma o único reduto de superação das

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

desigualdades no acesso aos direitos. Nesse enunciado em específico, sob a voz do aluno, ecoa a voz feminista de apelo à aliança e fortalecimento mútuo entre as mulheres – à sororidade.

Conclusão

Neste trabalho, foram analisadas cinco dissertações argumentativas observando-se o modo como elas reúnem e organizam diversas vozes sociais para estabelecer um posicionamento acerca da mulher. Assim, descobriram-se nos enunciados diferentes formas de dialogismo acionadas na estruturação do projeto argumentativo, resultantes da exploração do discurso marcado e não marcado. Desse modo, a voz alheia entrou na composição da voz dos alunos tanto de maneira explícita quanto velada, produzindo sentidos de complementação, negação, distorção, ironia, sátira, etc. Logo, a análise dos exemplos demonstrou haver nas dissertações uma apropriação planejada da voz alheia, de modo que a inserção desse outro enunciado foi uma peça fundamental da defesa do ponto de vista do estudante. Prova disso foi a recorrência do diálogo com as vozes nas diferentes partes do gênero, a qual tornou possível entender o papel dessas no interior da orquestração verbal em curso e, em decorrência, os propósitos do sujeito produtor com o cruzamento de tais posições avaliativas em um mesmo enunciado.

Constatou-se, finalmente, uma predominância do uso do discurso direto, embora, em certos momentos, sem a identificação da autoria. Nesses casos, a voz alheia foi tomada como uma lembrança, uma “presença ausente” de um enunciado de outrem, o que determinou o uso das aspas para demarcar as fronteiras entre uma e outra voz. Ao lado disso, o discurso bivocal, na forma de vozes diluídas no discurso (NASCIMENTO, 2018), indefinindo as fronteiras entre a voz própria e do outro, completou o quadro enunciativo delineado pelos alunos. Sendo assim, as dissertações adotaram caminhos ora menos ora mais complexos no agenciamento das vozes, a exemplo da variedade encontrada de discurso bivocal – como os tipos de polêmica e o discurso indireto livre –, a qual produziu diferentes disfarces da voz alheia sob a voz do aluno.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL/INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. **A redação do ENEM 2020: cartilha do participante**. 2020. Disponível em: <https://s4.static.brasiiescola.uol.com.br/vestibular/2021/01/a-redacao-do-enem-2020---cartilha-do-participante.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 268-280, ago./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em: 26 jul. 2022.

COLLING, A. M. Direitos humanos e direitos das mulheres – desafios contemporâneos. In: CANABARRO, I. S.; STRUCKER, B. (Orgs.). **Memória & Direitos Humanos: desafios contemporâneos**. Porto Alegre (RS): Editora Fi, 2019. p. 35-50.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

GUARIGLIA, R. Diálogos na dissertação escolar: um estudo sobre os enunciados de senso comum e de polêmica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 88-106, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8877>. Acesso em: 9 mar. 2022.

IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2021 (Estudos e pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 9 mar. 2022.

KNOLL, G. F.; PIRES, V. L. Análise dialógica do discurso e a sustentabilidade como valor da argumentação na publicidade: análise de anúncios de uma instituição bancária. **Revista Linguagem em Foco**, v. 12, n.3, 2020. p. 339-360. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4371>. Acesso em: 17 out. 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

MORAES, A. L. F. Provérbios: da fala para a escrita. *In*: 1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE TEXTO E DISCURSO - CITeD, 1., 2011. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: UNESP - Campus de Assis, 2011. p. 551-565.

NASCIMENTO, M. R. V. S. A heterogeneidade enunciativa em memes do “Bode Gaiato”. **Entrepalavras**, v. 8, n. 1, p. 50-70, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1047/489>. Acesso em: 9 mar. 2022.

NASCIMENTO, M. R. V. S. Vozes e representações acerca do *ser mulher*: a polêmica no discurso antifeminista no *Instagram*. *In*: MARTINS, D. M.; MATEUS, Y. G. A. S. (orgs.). **Direitos humanos e movimentos sociais**. Mato Grosso do Sul: Inovar, 2021. p. 188-204.

POLACHINI, N. R. S. **Redações do Enem/2012: réplicas ativas nas múltiplas vozes**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2014.

SANTOS, A. C.; MARQUES, G. G. B.; RODRIGUES, S. G. C. A ironia como zona de confronto entre diferentes vozes/dizeres em comentários do Facebook. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 28-50, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38576/27015>. Acesso em: 17 out. 2022.

SILVA, R. G. C. A construção do ponto de vista por meio das relações dialógicas da linguagem: o discurso do outro como recurso argumentativo em produções textuais de vestibulandos. **Leitura**, Maceió, n. 66, p. 11-121, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10045/7904>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SILVA, T. C. G. O “Discurso de Outrem” em Bakhtin e o Círculo: por uma Compreensão Responsiva do Texto. **Revista da Anpoll**, v. 51, n. 1, p. 48-58, jan./mai. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1252>. Acesso em: 9 mar. 2022.

WITTKE, C. I. O papel do discurso do outro na crônica. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 1, p. 103-117, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/4883/3855>. Acesso em: 17 out. 2022.

